

**DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ÀS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO:
A BUSCA DA LEGITIMIDADE NO PÓS-PANDEMIA**

**FROM THE SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CONSTITUTION TO
PEDAGOGICAL PRACTICES DURING REMOTE TEACHING PERIOD:
THE PURSUIT FOR LEGITIMACY POST PANDEMIC**

**DE LA CONSTITUCIÓN HISTÓRICA DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR
A LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN TIEMPOS DE ENSEÑANZA A
DISTANCIA: LA BÚSQUEDA DE LA LEGITIMIDADE EN LA
POSPANDEMIA**

Livia Roberta da Silva Velloso

<https://orcid.org/0000-0002-5678-7194> 

<http://lattes.cnpq.br/1396089125640873> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

livia_velloso@hotmail.com

Fabiana Stival Morgado Gomes

<https://orcid.org/0000-0002-1111-6506> 

<http://lattes.cnpq.br/6342418802382036> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

fabiana.morgadogomes@gmail.com

Luis Eduardo Vieira Dias

<https://orcid.org/0000-0003-2502-6111> 

<http://lattes.cnpq.br/2019660439259367> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

prof.diasluis@gmail.com

Mariana Dimes Vicente

<https://orcid.org/0000-0001-9416-5102> 

<http://lattes.cnpq.br/7706312368866928> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

marianadimes@hotmail.com

Elisabete dos Santos Freire

<https://orcid.org/0000-0002-7500-8352> 

<http://lattes.cnpq.br/4679908602456886> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

prof.elisabetefreire@usjt.br

Graciele Massoli Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-0275-0193> 

<http://lattes.cnpq.br/2769145171001675> 

Universidade São Judas Tadeu (São Paulo, SP – Brasil)

graciele.rodrigues@saojudas.br

**Resumo**

O objetivo deste ensaio tem seu foco na constituição histórica do conhecimento da área refletindo sobre as experiências pedagógicas que acontecem no momento de pandemia nas aulas de Educação Física escolar, na tentativa de compreender quais “Educações Físicas escolares” estamos vivendo e quais os possíveis rumos que elas podem tomar no pós-pandemia. Tais reflexões trouxeram três temas que podem ajudar o debate sobre a legitimidade da área no pós-pandemia, sendo: o cuidado com o aspecto social de cada estudante, a utilização das tecnologias educacionais como meio de problematização das práticas corporais e as vivências dos gestos das manifestações da cultura corporal com sentido e significado, deixando de lado a reprodução de movimentos de forma instrumental. Assim, compreendemos que muitas Educações Físicas críticas e libertadoras estão acontecendo durante a pandemia viabilizadas por docentes que buscam tornar o pedagógico intencionalmente político, almejando que os (as) estudantes sejam cidadãos (ãs) reflexivos (as) e ativos (as) no mundo.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino Remoto; Práticas Pedagógicas; Práticas Corporais; Pós-pandemia.

Abstract

The essay aims to reflect upon the pedagogical experiences, focusing on the constitutional knowledge, which take place during the time of the pandemic in Physical Education classes at school, in an attempt to understand what "School Physical Educations" are happening and what possible directions can be taken post-pandemic. These reflections brought three themes which could help the debate about the legitimacy of the area post-pandemic: the attention with the social aspect of each student; the use of educational technologies as means of problematizing and start a discussion about physical practices; the experiences of manifestations gestures of body culture meaning, leaving aside the reproduction of movements in an instrumental way. Thus, it was understood that many critical and liberating Physical Educations are happening during the pandemic through teachers who seek to make pedagogical more political, aiming students are reflective and active citizens in the world.

Keywords: School Physical Education; Remote Teaching; Pedagogical Practices; Body Practices; Post-pandemic.

Resumen

El objetivo de este ensayo es partir de la constitución histórica de los saberes del área para reflexionar sobre las experiencias pedagógicas que se dan en el momento de la pandemia en las clases de Educación Física escolar en un intento de comprender cuál es la “Educación Física Escolar” que estamos viviendo y cuáles son los posibles rumbos que pueden tomar en el período pospandemia. Estas reflexiones trajeron tres añadidos que pueden ayudar el debate sobre la legitimidad de la discusión pospandemia, ellas son: el cuidado del aspecto social de cada estudiante, el uso de las tecnologías educativas como medio para problematización de las prácticas corporales y las experiencias de los gestos de los estudiantes manifestaciones de la cultura corporal su sentido y significación dejando la reproducción de movimientos de manera instrumental. Entendemos que haya muchos tipos de Educación Física, la crítica y libertadora, mientras la pandemia por medio de los docentes que buscan politizar lo pedagógico buscando hacer que los alumnos sean ciudadanos reflexivos y activos en el mundo.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Enseñanza a Distancia; Práticas Pedagógicas; Práticas Corporales; Pospandemia.

DE ONDE PARTIMOS...

As tensões constituintes na Educação Física como área de conhecimento vêm sendo desenhadas há tempos. Em seus traçados pela busca de se estabelecer de forma autônoma e com reconhecimento social e científico, a Educação Física tem se desenvolvido como área com subáreas de conhecimento e se afirmado como Educações Físicas. Das discussões trazidas por Bracht (2000) sobre Educação Física e Ciência vemos ainda nos dias atuais, a necessidade de se discutir junto à literatura, qual cientificidade reivindicamos na Educação Física, aqui, mais especificamente na Educação Física escolar (BRACHT, 2014).

Consoante a Bracht (2019), a ideia de Educação Física na modernidade estava alicerçada e pautada em concepção de ciência majoritária– capaz de enxergar na dimensão



biológica do ser humano a “necessidade” da Educação Física. A área nesta concepção de ciência está atrelada a “leis” que requerem sua comprovação científica, de caráter não ambíguo. Destarte, tanto a Educação Física quanto a escola estavam alinhadas para a realização de um projeto que queria abolir a incerteza, a ambiguidade em favor da ordem, do controle racional, com a ideia de que existiria uma Educação Física verdadeira.

A Educação Física trazia práticas voltadas para a formação de pessoas saudáveis, aptas e eficientes fisicamente, orientada nos valores do trabalho, na perspectiva de educar os (as) cidadãos (ãs) para atingir o progresso por meio de uma educação pela higiene, potencializada pelo esporte como forma de disciplinar o corpo para o trabalho ora sustentada por uma pedagogia moral. Sob uma orientação de desenvolvimento convergente com a sociedade industrial, o esporte se alicerça como cultura hegemônica dentro da Educação Física e a era da esportivização tomou (ou toma) grande espaço na história (BRACHT, 2019).

Bracht (2019) traz à tona reflexões sobre os desdobramentos da Modernidade na sociedade atual, o que, inspirado nos estudos de Bauman, assume a fluidez dos estados institucionais. Nessa perspectiva, a modernidade líquida exposta por Bauman é considerada no rompimento de uma única e estável Educação Física que se configura em uma ordem concreta de saberes a serem construídos. Pelas proposições de Bracht (2019), a Educação Física perde força nas discussões atuais quando se orienta na ideia de que haveria um sentido maior e legítimo (único, calçado no modelo do corpo produtivo e disciplinado) para as práticas corporais na sociedade, assumido e patrocinado pelo Estado. Essa descrição evidencia o enfraquecimento da legitimidade de qualquer projeto de hegemonia que se autorreferencie o único e verdadeiro, em favor de uma pluralização de sentidos.

Nessa era, o corpo é entendido como uma construção simbólica, pautado por suas histórias (não há mais uma única leitura possível do corpo, a das ciências naturais) o que leva a uma proliferação e diversificação de sentidos para o corpo, antes reservada unicamente para as práticas corporais voltadas para o mercado. A individualização, pluralização dos sentidos das práticas corporais e as significações corporais já não enfatizam um único modelo disciplinar. O corpo deixa de ser somente visto como alvo do controle ascético para ser fonte de prazer e de expressão, imbricado de significados (BRACHT, 2019). As práticas corporais, carregam então infinitas significações, todas atreladas ao local, cultura, momento histórico e político em que acontecem.



Continuar pensando nos contornos dinâmicos e provisórios da área, é reconhecer, criar e viver as “Educações Físicas” coerentes com seus contextos específicos (BRACHT, 2000; 2013; 2014). Mediante esta afirmação, salientamos a importância de se defender posições, mas não com o pressuposto de que há uma verdade absoluta, uma posição que é verdadeira porque é tentado legitimá-la por uma dada ciência e sim como uma posição que é reflexiva e dialógica, fruto da pluralidade que existe na Educação Física, na escola e nos seres humanos, e por isso, engendra disputas na área. Dentro da Educação Física escolar é preciso pensar sobre uma cientificidade que esteja atrelada aos saberes das experiências, na epistemologia da prática, às reflexões em torno da sociedade dinâmica em que vivemos, na qual a historicidade das relações humanas está sempre presente.

Entendendo a educação como política e reconhecendo nosso inacabamento como seres humanos históricos (FREIRE, 2011), trazemos aqui para este ensaio algumas discussões acerca das práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar que aconteceram no período da pandemia do COVID-19 em 2020 e 2021. Sensíveis à existência de diversos projetos, opiniões e conceitos que estão em disputa na sociedade, compreendemos que a opção que fazemos na defesa de um e não de outro, nos propicia um diálogo com o(a) leitor(a) sob o nosso direito de dizer a palavra, sem desrespeitar a palavra de outrem.

Quando em março de 2020 a pandemia do coronavírus ganhou força no Brasil, as escolas tiveram que ser fechadas e os (as) estudantes e os (as) docentes precisaram ficar em suas casas por motivo de isolamento social. Nesse momento, com o intuito de minimizar os impactos sociais negativos da pandemia e dar continuidade a educação escolar, as instituições entraram em processo de reconfiguração e adequação a essa nova realidade, e o ensino remoto foi adotado. Dado o contexto, todos os (as) docentes em seus respectivos componentes curriculares, adequando-se a atípica situação adversa, tanto pessoal quanto do público atendido, precisaram reformular suas ações didáticas, “E de uma semana para outra, fomos desafiados a repensar todo o planejamento e o nosso modo de ensinar [...]” (LEITÃO; ABREU; SPOLAOR, 2021, p. 87).

No plano da Educação Física escolar não foi diferente, sendo que alguns (mas) docentes desse componente se viram desafiados (as). Varea e González-Calvo (2020), em estudo com educadores (as) desse componente curricular, verificou que no período do ensino remoto, a ausência corporal nas aulas tem provocado um misto de emoções entre os (as) professores (as). Portanto, percebemos que o fato de os corpos não estarem em um mesmo



ambiente, ou seja, na escola “presencial” levou muitos (as) docentes de Educação Física a ficarem apreensivos (as) e descontentes com suas aulas. Como afirmam as recentes pesquisas publicadas por Godoi, Kawashima e Gomes (2020) e Vieira e colaboradores (2021) sobre a Educação Física escolar durante a pandemia, muitos professores realizam suas aulas de maneira mecânica e instrumental, preocupados com a mera reprodução de atividades práticas que envolvam os movimentos dos corpos em frente às telas – sem uma intencionalidade pedagógica presente. Estão preocupados em programar qual será a atividade “prática” da próxima aula.

Godoi, Kawashima e Gomes, (2020, p. 96) colocam que “houve também uma preocupação em promover atividades práticas nas aulas de Educação Física para compensar o desgaste ocasionado pelo confinamento”. Mais uma vez observamos a maior preocupação com a vivência “prática” nas aulas remotas (síncronas) de Educação Física escolar, agora atreladas aos fatores biológicos do corpo, “formação de pessoas saudáveis” (BRACHT, 2019, p. 43).

Contudo, identificamos também publicações nas quais foram relatadas experiências político-pedagógicas que aconteceram nas aulas remotas nesse período de pandemia, como as de Maldonado, Farias e Nogueira (2021), Leitão, Abreu e Spolaor (2021), Maldonado (2021), Pollito e Maldonado (2021), que tematizaram e problematizaram as práticas corporais e suas relações com as diversas culturas, momentos histórico-sociais, políticos, com os marcadores sociais, entre outros. Nessas práticas educativas notamos que houve a intencionalidade de superação da mera reprodução, abrindo espaço para que os (as) estudantes fossem protagonistas e autores (as) no processo. Percebemos, que esses (as) docentes se preocuparam em dar continuidade ao que já estavam tematizando no ensino presencial quando o ensino passou a ser remoto, se readequando às condições desse ensino. Não foi possível identificar a centralidade da educação pelos (as) docentes na promoção ou não da vivência “prática” em momento síncrono com os (as) estudantes. Essas experiências político-pedagógicas mostraram a importância de se compreender as práticas corporais e seus gestos para além dos aspectos motores. Buscaram uma forma de ensino que valoriza o entrelaçamento sensível dos gestos com as linguagens e a cultura - sensível porque estão sempre atentos às questões políticas, históricas e sociais que perpassam os mesmos. Nessas práticas, docentes promoveram em suas aulas a escuta, a reflexão, o diálogo com os (as)



estudantes, e, por meio das diversas linguagens, eles e elas foram realizando produções que mostraram uma nova leitura de mundo a partir das tematizações propostas.

Por caminhos percorridos até meados da pandemia, era possível perceber, ainda que de forma tímida, situações em que a construção das práticas corporais e de seus sentidos era muito diferente do processo da modernidade (que Bracht chama de modernidade sólida) (BRACHT, 2019). Em posse de diversos relatos de experiências, artigos, observação dos trabalhos apresentados nos congressos que participamos em 2020 e leitura de chats durante as muitas *lives* sobre Educação Física escolar que aconteceram no Brasil inteiro desde o início da pandemia, é que surgiu a problemática deste ensaio: com a pandemia do COVID-19 as práticas pedagógicas dos(das) docentes de Educação Física escolar retomaram a um modelo histórico hegemônico, ou seja, as “heranças” da Educação Física estão sendo desnudadas? Ou os (as) docentes estão sendo capazes de, a partir do reconhecimento das várias identidades da Educação Física escolar, atrelado a um momento histórico de pandemia nunca vivido antes, criar outras “Educações Físicas”?

Essas indagações se tornam importantes por estarmos imersos em um momento não presenciado pelos seres humanos nos últimos 100 anos. Um vírus que chega com força total, isolando a todas e todos, matando sem escolhas. Junto a ele se soma um poder público que menospreza a real letalidade do vírus, a importância de acesso à educação pública, a compra e distribuição massiva de vacinas (única solução eficaz no combate ao vírus no momento) e ainda, não incentiva as medidas de proteção como o uso de máscara e fomenta a abertura irrestrita de todos os comércios. Com um auxílio emergencial pífio às populações carentes, a opção para que as mesmas permaneçam em isolamento é inviável pela sobrevivência, ou seja, estamos fadados a uma necropolítica.

Assim, relembremos com a história da Educação Física, que foram nos momentos históricos-políticos mais conturbados e tensos, como a década de 1980, na qual o país passava por uma redemocratização que a área precisou se superar, se transformar e romper “tradições” para continuar dando sentido à Educação Física escolar – vide o movimento renovador (BRACHT; GONZÁLEZ, 2014). Nessa perspectiva, vamos nos atrevendo a refletir sobre as experiências pedagógicas que estão acontecendo no momento de pandemia nas aulas de Educação Física escolar para tentarmos compreender quais “Educações Físicas escolares” estamos construindo e quais os possíveis rumos que elas podem tomar, principalmente no pós-pandemia.



RELEMBRANDO OU RETOMANDO A NOSSA HISTÓRIA?

O geógrafo e historiador grego Heródoto, há muito tempo, nos fez refletir que para compreender o presente e idealizar o futuro, torna-se necessário pensar no passado. Eis o motivo pelo qual entendemos a historicidade como uma categoria fundamental para compreensão das relações que permeiam nossa área, portando, nossa discussão passa pelo caminho que a Educação Física trilhou ao longo do tempo e como o processo de legitimação das práticas corporais foi e está sendo construído (BRACHT, 2019).

A história da Educação Física se relaciona com um contexto dinâmico que está sujeito a transformações devido às mudanças políticas, econômicas e sociais. No decorrer de sua história, surgem diversas perspectivas que ajustam seu pensamento, bem como a reflexão sobre os conhecimentos que permeiam a área. Ao trazermos à tona a historicidade da Educação Física, se torna quase inevitável levantar, mesmo que brevemente, as influências higienistas e militares para o discurso epistemológico e pedagógico do componente curricular (DARIDO; RANGEL, 2005). De acordo com Castellani Filho (1988), a criação da Escola Militar, a introdução da Ginástica Alemã, a utilização da Educação Física como um modelo de saúde corporal com o objetivo do desenvolvimento físico e mental e a educação dos corpos rebeldes das crianças, são alguns exemplos de influências causadas pelo militarismo e higienismo, no qual o maior objetivo era a utilização da ginástica para forjar indivíduos fortes e saudáveis, selecionando assim, pessoas fisicamente “perfeitas” e excluindo os (as) considerados (as) incapacitados (as) (DARIDO; RANGEL, 2005).

Sob esse relato, não podemos deixar de ressaltar que a sociedade brasileira se conduzia para um novo caminho para a prática escolar que vinha iluminado pelas exigências dos pressupostos do liberalismo e do capitalismo. Neira e Nunes (2009), expõem que os objetivos educacionais eram voltados à formação de uma população capaz de suportar o trabalho e a pressão exigida pelo processo crescente de industrialização. Essa geração teria que ser capaz de trabalhar sem se queixar, submetida a suportar e obedecer. Esse conjunto de influências conduzia a um cenário no qual a função da escola era formar pessoas para a inserção em um mercado de trabalho, além de responder às demandas de diversos setores da sociedade e ao acúmulo de capital.

Durante as décadas de 60, 70 e 80 do século XX, como estratégia governamental para obter maior sucesso em competições de alto rendimento, bem como, enfatizar cada vez



mais o esporte como atributo da Educação Física, constituiu-se a perspectiva esportivista. Tal perspectiva era vista pelo governo militar como forma de reduzir as críticas sociais e transmitir o desenvolvimento por meio do esporte. Foi durante esse recorte histórico, que por meio do rendimento o papel do(da) docente se torna centralizador, e a prática era resumida em repetições mecânicas de movimentos esportivos (DARIDO, 2012). As aulas eram focadas nos mais habilidosos e as avaliações eram feitas pelo desempenho esportivo ou por testes físicos.

Com o tempo, a Educação Física foi passando por transformações, a crise da identidade da área e a constante busca pela legitimação se instalou. O Movimento Renovador nos anos 1980 foi significativo para romper com as práticas realizadas no período da chamada Educação Física tradicional, balizada pelo entendimento biofisiológico do corpo e um ensino técnico esportivo, resquícios de todos os períodos históricos já vistos aqui anteriormente (BRACHT, 2019).

Durante o Movimento Renovador, foi criticado o paradigma da "aptidão física", apoiado na concepção de corpo/biológico e nas práticas mecânicas. Para Bracht (2019, p. 135) até então as aulas de Educação Física eram marcadas por um "adestramento de corpos". Todavia, a dimensão política do país foi favorecendo novos caminhos e perspectivas, dentre os quais podemos apontar os currículos psicomotores, críticos e pós-críticos que ainda se desenham (BRACHT, 2019).

Os debates foram aparecendo de diferentes formas. Merece nosso destaque a questão que gerou reflexões importantes na área, como destacou Bracht (2019, p. 135): "Educação Física: educação *do* ou *pelo* movimento?". Este questionamento nos leva a refletir sobre o significado que era designado à Educação Física, como uma mera aprendizagem de técnicas de movimentos, o fazer por fazer, sem a preocupação com as infinitas significações que os movimentos (gestos) das práticas corporais poderiam representar.

Surgiram diferentes publicações, debates e até práticas que romperam epistemologicamente com a chamada Educação Física tradicional. Novos pensamentos ganharam espaço e o corpo, agora sob novos olhares e referenciais, toma delineamento na construção histórico-social e assume sua referência cultural. Assim, o objeto de ensino da Educação Física é considerado um elemento de cultura (BRACHT, 2019).

Nas últimas décadas, a Educação Física vem se consolidando na área de linguagens. Sua inserção nesta área, proposta nos Guias Curriculares na década de 1970, foi reafirmada na década de 1990 pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e legitimada



recentemente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (NEIRA; NUNES, 2021). Essas iniciativas receberam diversas críticas, mas isso não altera o fato delas "oficializarem" uma mudança de compreensão sobre o papel da Educação Física escolar (BRACHT, 2019).

A PANDEMIA DO COVID- 19: MAIS UM CAPÍTULO DA NOSSA HISTÓRIA!

Revisitar o processo histórico da Educação Física escolar nos auxilia a identificar as marcas constituídas em acordo com os tempos e propósitos advindos do contexto social e econômico, muitas vezes desconsiderando os saberes construídos na escola. Sendo assim, em nossa história pregressa e atual, a função social da escola se constituiu e se constitui de modo a atender as intencionalidades externas ao espaço educacional, por meio da formalidade e direcionamentos advindos dos currículos. Como trazido por Arroyo (2011 p. 13), "o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola, eis o motivo pelo qual se tornou o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado e ressignificado".

Sendo assim, adentramos o ano letivo de 2020 em um cenário incerto e repleto de necessidades de direcionamentos, reflexões e resistências em busca de espaço adequado para as Educações Físicas. Somado a esse cenário tenso e intenso, tanto para docentes quanto para gestores (as), o referido ano se intensifica ainda mais ao sermos acometidos pela maior crise sanitária vivida pela geração presente. Desta forma, frente a decretos locais, repentinamente, se fez necessário o isolamento social com suspensão de inúmeras atividades entre elas as atividades educacionais de forma presencial nas instituições de ensino.

A priori, a sensação de que essa condição seria findada brevemente trouxe uma falsa percepção de pausa momentânea sem grandes buscas de estratégias ou buscas efetivas de forma diferenciada de atuação. Os dias se passaram, o vírus se alastrou, a condição se agravou, os órgãos legisladores da educação apresentaram resoluções que direcionavam a necessidade de manutenção de ações com propósito pedagógico para manter as aprendizagens em acordo com currículos.

Deu-se início a um cenário repleto de incertezas que envolviam os órgãos responsáveis pela organização e normatização dos Sistemas de Educação - municipais, estaduais e federais. A ausência de diretrizes claras, ações rápidas e assertivas pelo governo federal intensificou a problemática no cenário que vivíamos, em diferentes áreas – saúde, economia, política, educação, assistência social. O cenário posto então para a educação, foi o



de buscar manter o ensino de modo a garantir as aprendizagens em tempos de distanciamento presencial das escolas. A comanda legal era clara, mas repleta de questionamentos por todos (as) envolvidos (as) na organização e efetivação do processo educacional. Dessa maneira, equipes técnicas da educação e docentes buscavam de forma efetiva desbravar caminhos antes distantes do fazer pedagógico.

Se não bastasse a ausência de entendimento de quais caminhos trilhar, quais recursos utilizar, quais conteúdos eleger como necessários para buscar atingir os (as) alunos (as), as questões foram postas de modo deficitário de infraestrutura para docentes e discentes, além de eminente insegurança e medo que envolvia de maneira tão próxima o vírus, a doença e a finitude da vida, podendo distanciar ainda mais os (as) alunos (as) da escola formal.

A instabilidade vivenciada nesse período de pandemia pela Educação Física escolar foi intensa. Para Godoi, Kawashima e Gomes (2020), as principais dificuldades foram lidar com sentimentos de medo, angústia, ansiedade e de se superar em relação à nova forma de ensino; a adaptação para as aulas online e o domínio das ferramentas tecnológicas; a inibição dos (das) alunos (as) para abrir as câmeras; encontrar atividades adequadas para o ensino remoto; a dificuldade de avaliar e de dar feedback para os (as) alunos (as); saber lidar com as reclamações e falta de apoio das famílias.

Frente a esses achados, podemos interpretar quais ações que envolvem o fazer (o que/o como) não dando lugar a intencionalidade pedagógica advinda de questionamentos que antecedem o planejamento e envolvem o porquê fazer. Esse porque é o que nos leva a considerar as necessidades educativas da comunidade a qual o (a) docente está inserido (a) junto aos (às) discentes.

Nunca se fez tão necessário o diálogo entre docentes, gestão, discentes e famílias. Frisamos, que esse cenário novo e emergencial vivenciado por todos (as) envolvidos (as) necessitou de ações coletivas e colaborativas para que os saberes advindos de momentos anteriores pudessem ser somados aos saberes atuais, e as trocas fomentassem possibilidades de busca e novas atuações a serem vivenciadas com sentido e significado, tanto para docentes quanto para discentes como proposto por Tardiff (2014), trazendo os (as) docentes como sujeitos do conhecimento e não apenas reprodutores (as) de comandas.

Esse cenário inesperado, complexo e desafiador, trouxe à tona de forma direta e indireta reflexões que na realidade educacional se evidenciavam antes mesmo da pandemia, como já mencionado anteriormente. A necessidade de discutir o componente curricular



Educação Física, em distintos momentos da rotina escolar, desde o planejamento de ações quanto da intencionalidade que se desdobra nas aulas, assim como, momentos coletivos dentro da escola e a constante necessidade de se efetivar a formação continuada crítica, reflexiva e colaborativa.

Deste modo, a Educação Física escolar em seu coletivo de docentes, independente do ambiente de atuação, foram convidados a revisitar sua prática, de forma compulsória, na qual se viram obrigados a enxergar o seu fazer, a sua intencionalidade para além dos espaços, materiais e estruturas historicamente demarcadas e de natureza coletiva, favorecendo a interação entre os (as) alunos (as) e desses (as) com os (as) docentes.

As dificuldades vivenciadas para ministrar as interações pedagógicas foram inúmeras, tanto pela novidade de atuar distante dos (das) alunos (as), quanto para adequação de estratégias que viessem ao encontro das demandas do momento, e também pelas expectativas dos (das) alunos (as), famílias e gestão. Nesse momento, a Educação Física escolar precisou considerar um dos dilemas trazidos em sua história - o quanto a mesma efetiva-se apenas de forma prática e repleta de materiais, ou se é possível efetivar a qualidade da Educação Física escolar conceituando e valorizando os gestos das práticas corporais e seus significados culturais, sociais, políticos, históricos e não apenas o fazer corporal instrumental.

Trazendo como princípio de reflexão e busca da intencionalidade para o seu fazer, nesse ínterim, alguns (mas) docentes da Educação Física escolar, mencionados (as) nos estudos de Maldonado, Farias e Nogueira (2021), Leitão, Abreu e Spolaor (2021), Maldonado (2021) e Pollito e Maldonado (2021), apresentaram menos incertezas e maior repertório para planejar suas aulas (re) configuradas a essa nova realidade, conseguindo transpor saberes para além das quadras. Esses (as) docentes problematizaram e dialogaram criticamente com os (as) estudantes acerca de vários temas que perpassam as práticas corporais, contribuindo para a constituição de sujeitos críticos, para além da mera repetição (instrumental) de movimentos em tempos e espaços historicamente demarcados.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO PÓS-PANDEMIA E A BUSCA PELA LEGITIMIDADE

Relacionando as experiências pedagógicas produzidas por Maldonado, Farias e Nogueira (2021), Leitão, Abreu e Spolaor (2021), Maldonado (2021), Pollito e Maldonado (2021) e o debate do Movimento Renovador da Educação Física com as suas diversificadas formas de



pensar criticamente o componente curricular na escola (BRACHT, 2000; 2013; 2014; 2019), identificamos três temas que podem ajudar o debate sobre a legitimidade da Educação Física escolar no pós-pandemia, sendo eles: o cuidado com o aspecto social de cada estudante, a utilização das tecnologias educacionais como meio de problematização das práticas corporais e as vivências dos gestos das manifestações da cultura corporal com sentido e significado, deixando de lado a mera reprodução de movimentos de forma instrumental.

Em relação ao cuidado com o aspecto social mencionado anteriormente, os professores e as professoras situaram a realidade vivida por cada estudante nos momentos de suas aulas, ou seja, não se limitaram a promover aulas somente a partir de um currículo prescrito, mas buscaram através do diálogo com os (as) alunos (as) conhecer, compreender e respeitar suas realidades naquele momento, para que dentro de suas condições, os (as) estudantes pudessem participar criticamente das aulas e aprender. Com base em Freire (2020), entendemos que toda compreensão de algo corresponde a uma ação. Neste caso, compreender as diversas realidades em tempos de pandemia foi fundamental para o replanejamento e as formas críticas que essas aulas tomaram.

A utilização das tecnologias educacionais como meio de problematização das práticas corporais e não como mero instrumento para a visualização dos (as) estudantes ou uso dos dispositivos pedagógicos das plataformas educacionais (Moodle, Meet, Teams, etc.) possibilitou o diálogo e as discussões acerca das práticas corporais na sociedade, promovendo reflexões críticas sobre as mesmas durante as aulas. Ao utilizar o Instagram, Youtube, sites de jornais ou demais redes sociais, seja para discutir ou produzir um gesto, uma charge, uma crônica ou um vídeo, professores (as) e estudantes potencializaram os debates dos temas estudados. Dessa forma, para além da tecnologia em si, é preciso promover uma utilização crítica da mesma, que seja capaz de superar a captação ingênua da realidade (FREIRE, 2020), para tanto, os (as) professores (as) têm papel fundamental neste processo.

Entretanto, é importante ressaltar que o uso das Tics e plataformas de ensino durante a pandemia, podem tanto funcionar como meio de potencializar as atividades de ensino, como terceirizar a mediação necessária e produzir acomodações, distanciando a busca pela legitimidade na Educação Física como componente curricular da Educação Básica, principalmente em tempos de reformas educativas neoliberais e o avanço da Educação a Distância de forma precarizada.



As vivências dos gestos das manifestações da cultura corporal com sentido e significado foi proposta e estimulada pelos professores e professoras nessas experiências como forma de expressar sentimentos, emoções e toda produção cultural de grupos sociais. Os (as) estudantes através das diversificadas linguagens puderam se comunicar, expressar e dialogar sobre temas da cultura corporal e não apenas reproduzir movimentos de forma mecanizada, funcional, sem intencionalidade, repetidamente em frente a uma tela. Problematizar os gestos de determinada prática corporal e expressá-los por meio de charges, histórias em quadrinhos, vivências com a família ou poemas de forma crítica se mostrou uma forma potente para uma profunda compreensão sócio-histórica-política sobre a produção relacionada à cultura corporal, visando a participação mais digna dos diversos grupos que compõem a sociedade. A respeito da construção social mais participativa, como afirma Neira e Nunes (2007), em uma sociedade marcada pela diversidade cultural, uma Educação Física democrática deve propiciar condições para que se possa romper com o ciclo perverso que, ao impor padrões de determinadas culturas hegemônicas, exclui outras em função da sua trajetória cultural diferenciada. Para tanto, é preciso de ações educativas problematizadoras, pois não basta fazer é preciso refletir, questionar e compreender as forças que engendram as relações sociais.

Dessa maneira, a partir da história da Educação Física escolar, suas transformações na atual sociedade e a compreensão de que as práticas corporais carregam consigo infinitas significações, sempre atreladas aos momentos históricos e políticos em que acontecem, compreendemos aqui que os (as) docentes de Educação Física mencionados (as) conseguiram superar o distanciamento físico dos corpos e da escola e promover Educações Físicas significativas com os (as) estudantes. Partimos do pressuposto que esses professores e professoras buscaram tornar o ato pedagógico intencionalmente político, combinando a reflexão e a prática acadêmica a serviço da educação dos (das) estudantes, almejando que os (as) mesmos sejam cidadãos (ãs) reflexivos (as) e ativos (as), o que Giroux (1997) chama de professor (a) intelectual transformador (a). Os (as) professores (as) intelectuais transformadores (as) entendem a reflexão e ação crítica como parte do projeto social fundamental para auxiliar os (as) estudantes a desenvolverem uma busca constante de luta para a superação das injustiças sociais e humanizarem-se ainda mais como parte desta luta. Utilizam formas de pedagogia que tenham natureza emancipatória, tornam o conhecimento problemático, fazem



uso do diálogo crítico e afirmativo, e argumentam em prol de um mundo melhor, no qual estudantes se sintam capazes de transformar o mundo em que vivem.

“Dentro” de cada realidade escolar e cultural, esses (as) professores (as), produziram com os (as) alunos conhecimentos referentes às práticas corporais a partir da conjuntura social e política que viviam. A partir do reconhecimento das forças hegemônicas que atuam na sociedade provocando as inúmeras injustiças sociais e apagando determinadas culturas, junto a clara intencionalidade pedagógica da Educação Física escolar, esses (as) docentes e estudantes construíram conhecimentos libertadores durante as aulas remotas no período pandêmico, promovendo novas e diferentes leituras de mundo.

Por fim, cientes da intencionalidade pedagógica da Educação Física escolar e das marcas históricas da área, muitas Educações Físicas críticas e libertadoras estão acontecendo pelo país durante a pandemia. Almejamos, que para além da crise sanitária que estamos vivendo, escolas, gestores, comunidades e professores (as) compreendam a importância de fomentar formação continuada com propósitos explícitos, contextualizada na construção pedagógica da Educação Física escolar, na formação de cidadãos (ãs) conscientes e ativos (as) no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel González. **Currículo, território em disputa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, p. 73–81, 2002.

BRACHT, Valter. Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 22, n. 1, p. 53-63, set., 2000.

_____. A educação física brasileira e a crise da década de 1980: entre a solidez e a liquidez. In: MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: novas contradições e desafios do século XXI. 26. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

_____. **Educação física e ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. 4. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

_____. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física). Ijuí, RS: Unijuí, 2019.



BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação física escolar. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FESNTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico da educação física**. 3. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

GODOI, Marcos; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GOMES, Luciane de Almeida. "Temos que nos reinventar": os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19. **Dialogia**, n. 36, p. 86-10, set./ dez., 2020.

LEITÃO, Arnaldo Sifuentes; ABREU, Samara Moura Barreto; SPOLAOR, Gabriel da Costa. A educação física escolar brasileira em contexto pandêmico: experiências de desterritorialização e reterritotalização. In: REYES, Alixon; ROMERO, Carlos. **Educación física en tiempos de pandemia y confinamiento: experiencias pedagógicas y reflexiones**. Chillán, Chile: Universidad Adventista de Chile/ Universidad de Cundinamarca, 2021.

MACHADO, Roseli Belmonte e colaboradores. Educação física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, v. 26, p. 1-16, e26081, 2020.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação física e linguagem: por uma ecologia de saberes das práticas corporais na educação básica. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NEIRA, Marcos; NUNES, Mario Luiz. Ferrari. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação: uma proposta para a produção de outras formas de fazer, ver e dizer a respeito



de si, das práticas corporais e seus praticantes. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS; Uirá de Siquera; NOGUEIRA, Valdilene Aline. **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

_____. Linguagem e cultura: subsídios para uma reflexão sobre a educação do corpo. **Caligrama**, v. 3, n. 3, p. 1-16, 2007.

POLITTO, Biana. MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação física no ensino médio no campus São Paulo do IFSP em tempos de pandemia. **Revista de educação física, saúde e esporte**, v. 4, n. 1, p. 225-242, abr., 2021.

VAREA, Valeria; GONZÁLEZ-CALVO, Gustavo. Touchless classes and absent bodies: teaching physical education in times of covid-19. **Sport, education and society**, v. 25, n. 8, p. 831-845, 2020.

VIEIRA, Douglas Alencar e colaboradores. A perspectiva do professor de educação física para as aulas no contexto da pandemia de covid-19. **Revista eletrônica nacional de educação física**, v. 11, n. 16, p. 45-66, jan., 2021.

Dados da primeira autora:

Email: livia_velloso@hotmail.com

Endereço: Rodovia Presidente Dutra, Km 145, s/n, Jardim Diamante, São José dos Campos, SP, CEP: 12223-201, Brasil.

Recebido em: 25/02/2022

Aprovado em: 13/06/2022

Como citar este artigo:

VELLOSO, Lívia Roberta da Silva e colaboradores. Da constituição histórica da educação física escolar às práticas pedagógicas em tempos de ensino remoto: a busca da legitimidade no pós-pandemia. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 3, p. 251-266, set./ dez., 2022.